

ARTE, PAISAGEM URBANA E TURISMO DE EXPERIÊNCIA: reflexões a partir do CURA- Circuito Urbano de Arte em Belo Horizonte

SESSÃO TEMÁTICA: ET4: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

RESUMO

Este trabalho aborda o problema da reconfiguração e legitimação da arte urbana em metrópoles verticalizadas e seu potencial turístico, no contexto da área central de Belo Horizonte, onde o CURA -Circuito Urbano de Arte atua desde 2017. O estudo objetiva analisar a relação entre a contemplação da arte do CURA e a emergência do turismo cultural e de experiência, utilizando a paisagem urbana como categoria de análise e elemento de formação identitária. A metodologia é de caráter qualitativo, baseada na revisão bibliográfica sobre os conceitos de paisagem, arte urbana, turismo cultural e de experiência e na pesquisa ao site e também ao catálogo do Festival CURA os quais apresentam dados das edições 2017 a 2022. Os resultados indicam que as intervenções realizadas pelo o CURA incentivam um olhar diferenciado para a paisagem urbana de Belo Horizonte, redefinindo o centro como um lugar de passagem para um espaço de permanência qualificada. A principal conclusão é que o festival se estabelece como um vetor singular que conecta a arte, o turismo e a paisagem para a transformação social e reparação simbólica na metrópole, ao dar visibilidade a pautas de gênero, raça e classe a partir das obras artísticas realizadas nas empenas e fachadas dos prédios.

PALAVRAS-CHAVE: arte urbana, Belo Horizonte, turismo cultural, Projeto CURA

ABSTRACT

This work addresses the problem of the reconfiguration and legitimation of urban art in verticalized metropolises and its tourism potential, in the context of the central area of Belo Horizonte, where CURA - Urban Art Circuit has been operating since 2017. The study aims to analyze the relationship between the contemplation of CURA art and the emergence of cultural and experiential tourism, using the urban landscape as a category of analysis and an element of identity formation. The methodology is qualitative in nature, based on a literature review of the concepts of landscape, urban art, cultural and experiential tourism, and research on the CURA Festival's website and catalog, which present data from the 2017 to 2022 editions. The results indicate that the interventions carried out by CURA encourage a different perspective on the urban landscape of Belo Horizonte, redefining the center from a place of passage to a space of qualified permanence. The main conclusion is that the festival establishes itself as a unique vector that connects art, tourism, and landscape for social transformation and symbolic reparation in the metropolis, by giving visibility to issues of gender, race, and class thru the artistic works carried

out on the gables and facades of buildings.

KEYWORDS: urban art; Belo Horizonte; cultural tourism; CURA Project.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva tratar da arte urbana e turismo cultural em Belo Horizonte tendo como objeto de estudo os grafites do CURA (Circuito Urbano de Arte), o qual realiza desde 2017 a produção de pinturas e grafites em fachadas e empenas de prédios espalhados pela região central da capital mineira.

O surgimento do CURA na década de 2010 está intrinsecamente ligado aos movimentos urbanos insurgentes ocorridos em Belo Horizonte entre 2010 e 2015. Esses movimentos reivindicavam uma cidade mais democrática, manifestando-se tanto por meio de protestos que lotaram a área central, em resposta aos desmandos da gestão do ex-prefeito Márcio Lacerda, com pautas como a defesa das ocupações por moradia, contra a especulação imobiliária e na luta pelo transporte público de qualidade, quanto por reivindicações específicas ligadas à conservação de bens culturais em risco de destruição e a ocupação de espaços públicos como a Praça da Estação¹.

Assim o CURA reflete essa potente energia de cidadania ativa e de disputa pelo espaço público, se valendo da arte para fortalecer temáticas bastante discutidas em nossa sociedade contemporânea, as quais envolvem questões de gênero, raça e classe. Além disso, no decorrer de suas edições o projeto vem contribuindo bastante para se pensar Belo Horizonte de outra maneira, no sentido de tornar os espaços ocupados pelos grafites e pinturas produzidos nas paredes e empenas de prédios da área de central,

¹ A respeito de tais movimentos ver Moreira, Liliâne Augusta. Os movimentos insurgentes e o patrimônio: o Espaço Comum Luiz Estrela em Belo Horizonte Minas Gerais. Disponível em : <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/91206278-97b1-40a4-85d6-be029df36d66/content>

MAYER, Joviano G. Maia. O comum no horizonte da metrópole biopolítica. Disponível em : <https://repositorio.ufmg.br/items/00c06819-cf7f-451b-b7fe-33b8a2857c85>

MIGLIANO, Milene. Praia da estação como ação política: relato de experiências, envolvimento e encontros. In: Corporicidade 3, 2012, Salvador – BA.. Disponível em: http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/2013/06/redobra11_05.pdf



espaços de respiro e contemplação. O CURA traz para a cena artistas variados que com suas diferentes culturas, territórios, formas de criar e saberes vêm transformando a capital mineira numa imensa galeria de arte a céu aberto.

Além disso observou-se que produções artísticas do CURA possuem um grande potencial turístico, num momento em que se discute no setor a importância de se vivenciar os lugares de modo autêntico. Desta forma, com o festival há o incentivo para uma experiência de contemplação da paisagem urbana da área central de Belo Horizonte a partir das obras produzidas. Assim cabe mencionar o que aponta o trecho de uma publicação realizada pelo Portal Belo Horizonte a respeito do festival em outubro de 2022:

Realizado, até a edição de 2021, por um conjunto de 20 artistas, as artes foram feitas com o objetivo de incentivar o diálogo com a cidade e debater a noção clássica de arte. Esse movimento acabou resultando no primeiro mirante de arte urbana do mundo: a Rua Sapucaí. De lá, é possível admirar todas as obras realizadas no centro da cidade, e conta ainda com lunetas instaladas pela Belotur em 2018, que deixaram a experiência ainda mais imersiva. Não existe registro de outro festival em que o público possa acompanhar ao vivo, de um só ponto, a feitura das obras. (PORTAL BELO HORIZONTE, 2022, não paginado)

A partir deste aspecto discute-se neste estudo a relação que envolve a paisagem urbana e turismo cultural, modalidade que tem como mote propiciar aos indivíduos experiências genuínas sobre o lugar visitado, as quais estão relacionadas ao conhecimento em relação a história local, usos, costumes, culturas e modos de se viver. Destaca-se que este estudo é de caráter qualitativo tendo como metodologia a revisão bibliográfica e os estudos de contemplação da paisagem da área central de Belo Horizonte.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Belo Horizonte surge no período republicano em 1897, criada para ser uma cidade planejada na qual cada lugar tinha uma função, a região central em específico deveria abrigar o comércio e os espaços de poder, essa forma de organização dado o período histórico representava o poder institucional e a racionalidade.



Para os autores Costa e Arguelles (2008, p. 116): “A lógica racional e simétrica de uma cidade planejada manifesta tudo de modo muito objetivo, quer mostrar sua real intenção de ordenar, dividir, separar, agregar, estabelecer lugares e disposições aos seus habitantes, tentando manipulá-los cotidianamente.”

Com o passar do tempo Belo Horizonte aos poucos se transforma e logo sua paisagem urbana foi densamente verticalizada, resultando em um mosaico de edifícios que, embora dinâmico, frequentemente apresenta muros laterais e superfícies inexpressivas.

É neste cenário de intensa urbanização e escassez de espaços abertos que o festival CURA emerge. A escolha das empenas, estruturas antes ignoradas ou usadas apenas para publicidade, não é acidental, mas estratégica. Elas se tornam telas de dimensões monumentais, forçando o olhar vertical e reintroduzindo a cor e a narrativa no campo visual do transeunte, que estava acostumado a ver o centro apenas em seu plano horizontal.

O festival foi criado em 2015 quando Juliana Flores, Priscilla Amoni e Jana Macruz, mulheres envolvidas com arte e cultura em Belo Horizonte se reúnem para pensar um festival de arte urbana cujo objetivo fosse pintar prédios do centro da capital mineira promovendo o fortalecimento a presença das mulheres na arte urbana, também a ocupação do centro através de discussões potentes que deveriam ocorrer durante todo o evento, as quais se ancoram na multiplicidade étnico cultural do país, nas questões de gênero na arte e por fim na contemplação da paisagem urbana como uma forma de vivenciar o centro da cidade (Barbi, 2021 não paginado).

Conforme suas idealizadoras, o festival é construído a partir de muito trabalho e escuta a fim de envolver uma diversidade de artistas e equipes de produção e divulgação do evento, além disso democratizar a arte é também é um elemento vital, cabe ainda destacar que:

Ir ao CURA é viver uma experiência corporal mágica. O espaço público se torna um museu aberto e vivo, gratuito e democrático, despertando o desejo nas pessoas de se encontrarem; entre si, com as obras e com a rua. Nesses dias, o festival cria um ecossistema composto por um mirante de arte urbana e um lugar de encontro ao ar livre, além de contar com uma programação que promove pedaladas pelas obras, visitas guiadas, rodas de conversa; exhibe filmes; realiza festas, aulões, shows, convida DJs, entre outras atividades. Enquanto a paisagem se modifica, o CURA faz emergir uma Zona Autônoma Temporária



que amplia as formas de conviver, projetando a experiência de cidade que a gente deseja. Questionamos um viver possível nos grandes centros urbanos, onde possa haver a livre manifestação de culturas contra-hegemônicas e sua fruição democrática e gratuita. Entre essas artes do CURA está, certamente, o graffiti, mas também celebramos a dissolução de suas divisões em relação ao muralismo, à arte de letra e ao grapixo. Buscamos, antes de tudo, democratizar a interação do público com o artista e com a arte, nos movendo pelo reconhecimento do protagonismo da mulher negra, das questões colocadas pelo movimento LGBTQIA+, pela luta antirracista, pelos movimentos indígenas, pelas mães e pelas novas masculinidades, e aquilo que ainda iremos conhecer e aprender. (CURA, 2022 p. 9)

A paisagem urbana é, sobretudo, um palco onde se desenrolam as disputas pela identidade da cidade. Ela não é neutra, já que cristaliza memórias e reflete as lógicas sociais. A intervenção artística de larga escala, como a promovida pelo CURA, atua diretamente na reescrita desse espaço.

Em Belo Horizonte, a arte pública nas empenas, transforma elementos de infraestrutura em veículos de conteúdo político e estético. A arte, nesse contexto, é uma ferramenta poderosa para a requalificação simbólica do espaço. A verticalização da arte leva temas do plano marginal a cultura periférica, as minorias sociais para a escala monumental, tornando-os incontornáveis no campo visual do centro. Isso muda a percepção da cidade de um lugar de passagem para um espaço de permanência qualificada.

O aspecto político do CURA é inegável, funcionando como um contraponto à narrativa hegemônica do centro urbano. Ao dar visibilidade a artistas e temas ligados à negritude, à pauta indígena e à diversidade de gênero, o projeto cumpre uma função de reparação simbólica.

Para exemplificar tais pontos apresenta-se as obras “Por Terra, Arte e Pão”, (Figura 1), produzida pelo Coletivo de Artistas do MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra) no Edifício Rochedo, localizado na Rua dos Goitacazes, 470 e o painel dos artistas indígenas Sueli e Isael Maxakali (Figura 2), pintado no Edifício Roma na Avenida Paraná, 466.

Figura 1: Obra “ Por Terra, Arte e Pão”



Fonte: Blog da Kikacastro

Figura 2: Painel dos indígenas Sueli e Isael Maxakali



Fonte: Blog da kikacastro

A fim de compreender a relação do CURA e a paisagem urbana produzida, este estudo se debruça sobre o conceito de paisagem e sua relação com indivíduo, para tanto menciona-se inicialmente o que afirma o geógrafo brasileiro Milton Santos (1997, p. 61) a respeito do termo: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”

Já Ortigoza (2010, p. 87) destaca o sentido de paisagem urbana que para ela está relacionado a um conjunto de aspectos que vão se constituindo na cidade:

A paisagem urbana é um objeto teórico de grande interesse para a geografia, além de ser um dos temas centrais das representações visuais do mundo

moderno, pois condensa um processo de acumulação de experiências políticas, econômicas e culturais. (ORTIGOZA, 2010 p. 87)

Por fim aponta-se o conceito de paisagem cultural o qual é apresentado pelo pesquisador Rafael Winter Ribeiro (2016) da seguinte forma:

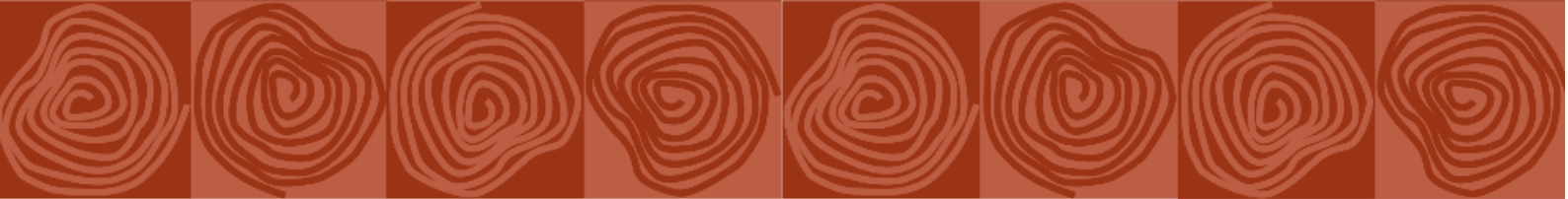
A partir de uma definição tão ampla e visando maior objetividade para o reconhecimento e atribuição de valor dessas paisagens, elas são divididas em três tipos distintos: 1) a paisagem claramente definida, aquela intencionalmente criada pelo homem, representada nos parques e jardins; 2) a paisagem essencialmente evolutiva, que resulta da ação do homem como uma resposta ao ambiente natural, refletindo o processo evolutivo da sociedade; 3) e a paisagem cultural associativa, aquela cuja inscrição é justificada pelos valores associados a ela, muito mais do que pelas suas transformações físicas e seu agenciamento. (RIBEIRO, 2016)

A partir dos conceitos de paisagem elucidados, a contemplação dos painéis do CURA em Belo Horizonte e a atividade turística de experiência configuram um tema de discussão singular. Isso se deve ao fato de destacarem a importância de se vivenciar a cidade, observando as construções e a própria paisagem existente na área central de Belo Horizonte.

O turismo, historicamente, se baseou na lógica da atração e da monumentalidade (museus, prédios históricos). Assim cabe mencionar Paiva (2014, p. 107):

Na contemporaneidade, a lógica do consumo reforça a relação entre o turismo, os ícones urbanos e arquitetônicos e a imagem turística, condicionada pelas práticas sociais (econômicas, políticas e cultural-ideológicas) da globalização que têm direcionado sobremaneira o planejamento, a gestão e as intervenções urbanas em consonância com o processo de espetacularização da arquitetura e valorização da sua carga simbólica. (PAIVA, 2014 p. 107)

Pensando em tal aspecto, O CURA materializa o turismo de experiência em Belo Horizonte, o circuito convida o público a percorrer o centro urbano, integrando-se aos



fluxos cotidianos e políticos do espaço. O roteiro turístico proposto a partir dos painéis não é apenas uma galeria a céu aberto; é um convite à apropriação do espaço, reforçando a ideia de que o ato de visitar é, primeiramente, um ato de uso da cidade. O indivíduo, ao buscar a contemplação das empenas, é convidado a interagir com as dinâmicas sociais e econômicas da área central – o comércio popular, a mobilidade, os problemas de classe e as pautas de diversidade retratadas.

Essa genuinidade está ligada à percepção de que a arte é parte viva da cidade, e não apenas um artefato histórico. Em termos econômicos, o roteiro cria um vetor de fluxo que pode beneficiar o comércio local na área central, revitalizando economicamente regiões que podem ter sido preteridas em favor de novos centros comerciais. No entanto, é crucial analisar esse desenvolvimento com cautela, pois o sucesso turístico de intervenções artísticas frequentemente precede processos de gentrificação, onde a valorização do local expulsa a população local, bem como elementos culturais e artísticos mais autênticos que o tornaram atraente de início.

A relevância dessa afirmativa para o CURA é dupla. Primeiro, ela confirma que a intervenção artística é uma “imagem cultural” produzida intencionalmente para reestruturar a percepção do centro de Belo Horizonte. Segundo e mais crucialmente, a criação de um roteiro turístico oficializa essa intervenção, incorporando-a a uma “política” de desenvolvimento turístico. Isso coloca a arte urbana no centro de uma disputa: o reconhecimento do seu valor cultural (a preservação da narrativa autêntica) versus o risco de sua excessiva comercialização. O sucesso do CURA reside, paradoxalmente, em sua capacidade de ser um projeto político de arte que agora precisa negociar sua autenticidade com o mercado turístico que ele mesmo ajudou a criar.

O CURA, ao politizar a empena e inserir narrativas críticas, é uma manifestação do direito à cidade em sua forma artística. Contudo, quando o Estado ou o setor privado transforma essa intervenção em um ativo turístico formal, podem ocorrer um impacto bastante negativo: a paisagem, que era um instrumento de crítica e transformação cidadã, pode ser reduzida a um produto estético-comercial.

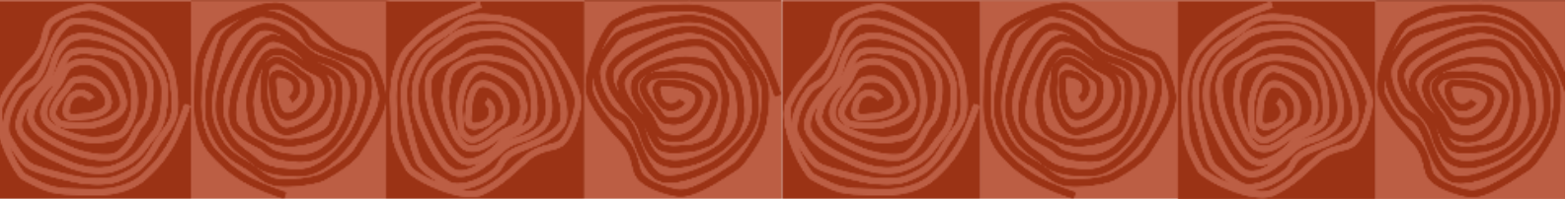
O desafio reside em garantir que o roteiro turístico não anule a mensagem política das obras nem desloque o foco do uso dos cidadãos para o consumo dos turistas, perpetuando as desigualdades socioespaciais que a própria arte tenta denunciar.

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A metodologia adotada neste estudo baseia-se na análise da paisagem urbana de Belo Horizonte e na revisão bibliográfica focada nos estudos da paisagem e do turismo. A leitura da paisagem, conforme a teoria, ultrapassa a simples descrição visual para incorporar os sentidos, as memórias e as disputas políticas inerentes ao espaço. Já o turismo, como campo pluralizado de estudo, permite a investigação da cidade a partir de suas dinâmicas sociais, culturais e paisagísticas o que resulta em experiências importantes na formação do sujeito. O Projeto CURA foi observado não apenas como um conjunto de obras de arte, mas como um sistema de intervenção que dialoga com as lógicas urbanas de experiência do sujeito na contemplação dos espaços pelos quais transita na no hipercentro da cidade, além disso a análise dos temas presentes nos painéis permitiu correlacionar a produção artística com as pautas sociopolíticas centrais à cidade contemporânea.

4 RESULTADOS

A análise do Projeto CURA entre 2017 e 2022, a partir de consultas ao site do projeto, bem como ao catálogo produzido, o qual traz a memória do recorte histórico analisado, evidencia a consolidação do festival como um espaço de permanência qualificada e de contemplação da paisagem urbana de Belo Horizonte. Observa-se a recorrência temática e territorial, com a escolha sistemática de locais centrais como a Rua Sapucaí, o bairro Lagoinha e a Praça Raul Soares, que passaram a ser ressignificados como polos de encontro e vivência. O volume consistente de obras por edição, desde os 16 trabalhos inaugurais em 2017 até as múltiplas intervenções em 2019 e 2022, demonstra a continuidade e institucionalização da prática artística. Além disso, a diversidade e representatividade dos artistas, com destaque para a paridade de gênero, a presença de mulheres negras e indígenas e a participação de coletivos sociais, reforçam narrativas plurais que ampliam a experiência urbana. Por fim, a integração de diferentes formatos, como murais, instalações, residências artísticas, feiras e ações educativas,



transforma os espaços em paisagens de experiência, qualificando-os como lugares de convivência e reflexão coletiva, em contraste com a lógica de mero trânsito urbano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O CURA é um exemplo notável de como a arte urbana pode ser o motor para a requalificação simbólica e a atração turística, impulsionando a noção de Belo Horizonte como uma verdadeira cidade criativa. Ele une o uso autêntico do centro, a expressão artística transformadora da paisagem e o reconhecimento da cidade como um bem cultural vivo.

A ressignificação da paisagem urbana pelo circuito de arte demonstra que o estudo da paisagem urbana em seu sentido ampliado, deve incluir a dimensão da arte como elemento estruturante da identidade contemporânea. O projeto reforça a ideia de que a paisagem é, fundamentalmente, uma construção cultural e política.

No entanto, o principal desafio que se coloca é o de como as políticas de turismo podem fomentar essa experiência sem que o sucesso leve à gentrificação. É preciso que o roteiro turístico do CURA honre a gênese política e social da arte que expõe, garantindo que o direito de produzir e usufruir o espaço continue sendo acessível aos artistas e moradores e não se torne apenas um cenário esvaziado para o consumo de imagens. O futuro do turismo cultural e de experiência em Belo Horizonte dependerá da manutenção do equilíbrio entre a atração econômica e a integridade da expressão artística local.

6 REFERENCIAS

BARBI, Laura. O Festival CURA e os desafios da arte urbana no Brasil. IREE, 21 maio 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/o-festival-cura-e-os-desafios-da-arte-urbana-no-brasil/>.

COSTA, Ana Carolina Silva da, ARGUELHES, Delmo de Oliveira. A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século

XX. Univ. Hum., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 109-137, jan./dez. 2008. Disponível em: <https://www.gti.uniceub.br/universitashumanas/article/viewFile/878/612>

CURA: Circuito Urbano de Arte 2017–2022. Coordenação: Juliana Flores. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Agência CURA, 2022. Disponível em: <https://www.cura.art/materiais>
Acesso em março de 2026

CURA. Edições. CURA - Circuito Urbano de Arte, 2022. Disponível em: <https://www.cura.art/edi%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em março de 2026

ORTIGOZA, Sílvia Aparecida. Paisagens do consumo: São Paulo, Lisboa, Dubai e Seul [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 232 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/wq88m/pdf/ortigoza-9788579831287-05.pdf>

PAIVA, Ricardo Alexandre. O turismo e os ícones urbanos e arquitetônicos. R. B. Estudos Urbanos e Regionais v.16, n.1, p.107-123, / maio 2014. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4755>

PORTAL BELO HORIZONTE. Cura Circuito Urbano de Arte. 7 de outubro de 2022. Disponível em: <https://portalbelohorizonte.com.br/blog/cura-circuito-urbano-de-arte>

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural urbana e paisagem histórica urbana: o Rio de Janeiro e os desafios recentes para a Lista do Patrimônio Mundial. Revista ID Pesquisas, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 235-255, jan. 2016 . Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343622235_Paisagem_cultural_urbana_e_paisagem_historica_urbana_o_Rio_de_Janeiro_e_os_desafios_recentes_para_a_lista_do_patrimonio_mundial/link/5f3495ba299bf13404be707c/download?tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uIn19

SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1997, 5a ed. [1988]